TRÊS OLHARES SOBRE O POETA

THREE PERSPECTIVES ON THE POET

Bianca Magela Melo[1]
Renarde Nobre[2]
Flávio Boaventura[3]

Resumo: O poeta Manoel de Barros é tema dos três textos a seguir que ensaiam sobre seu lirismo, sua produtividade impressionante, sobretudo a partir dos anos 2000 (o primeiro livro é de 1937, o último de 2011), a pessoalidade e coerência no conjunto da obra com recorrências e imagens ícônicas. Os elementos primitivos que poderiam remeter à natureza aqui levam a crer, como disse Renarde Nobre, que a natureza que Manoel verdadeiramente ama é a da imagem encarnada em verbo. Poesia criadora de imagens, transfiguradora de sentidos, na qual a terra não é terra, é húmus, diz Flávio Boaventura, é solo remexido com restos e fósseis sem data. Um convite à desbanalização do olhar. O poeta nascido em Cuiabá (MT) é um dos mais importantes nomes do gênero no Brasil.
Palavras-chave: Manoel de Barros, poesia brasileira, poesia-húmus, delírio do verbo.

Abstract: The poet Manoel de Barros is the subject of the following three texts rehearse about his lyricism, his impressive productivity, especially since the 2000s (the first book is from 1937, the last in 2011), personhood and consistency in all the work with recurrences and iconic images. The primitive elements that could refer to nature here lead, as

[1] Jornalista e mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais.

[2] Professor do Departamento de Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais.

[3] Flávio Boaventura é poeta, ensaísta e professor do Mestrado em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG.

Renarde Noble said, that the nature that Manoel truly love is the image of the incarnate word. Poetry creator of images, in which the earth is not earth, is humus, like says Flavio Bonaventure, is stoked with soil and fossil remains undated. An invitation to look. The poet (born in Cuiabá , MT) is one of the most important names of the genre in Brazil.
Keywords: Manoel de Barros, Brazilian poetry, poetry-humus, rave verb.

O VIGOR DOS SEUS VERSOS, POETA

Bianca Magela Melo

Em qualquer parte e para todos que se aproximam ele é "o poeta". Manoel de Barros responde com um sorriso espontâneo e quando fala ergue devagar as mãos e firma no interlocutor os olhos pretos pequenos sob a lente dos óculos. Nosso olhar o pega à vontade em sua casa em Campo Grande (MS), de blusa branca de botão e calça azul de tecido leve. É um homem bem cuidado e recende, mesmo na simplicidade de suas escolhas, o tratamento carinhoso de uma esposa dedicada e das companhias que o cercam. A esposa é Stella, mineira de 91 anos, casada com Manoel há 65. O outro remédio para a vivacidade que se vê ao olhar para esse senhor de 97 anos, é seu namoro antigo com a poesia. O relacionamento foi mantido com disciplina: estando com saúde e disposição todas as suas manhãs são dedicadas ao ofício.

Fica no segundo andar de sua casa o espaço de fazer poesia ou lugar de ser inútil, como brinca Manoel. O pequeno escritório reúne os tesouros do poeta: os livros preferidos, dicionários, sua escrivaninha, dezenas de pequenos cadernos com anotações, tocos de lápis - desde que alguns dedos da mão esquerda ficaram "esquecidos", ele só escreve a lápis com a mão direita; não mais usa a máquina de datilografia. O namoro pede que ele fique lá lendo, relendo, escrevendo, ouvindo música clássica, pensando, contemplando.

Manoel tem sido condecorado com muitos prêmios nos últimos anos. É um momento de reconheci-

mento de sua poesia ancorada na infância, criadora de imagens, zombadora do sério, primitiva, para usar um adjetivo que ele mesmo, que não gosta de adjetivos, emprega. Ao longo da vida, ele já havia recebido alguns expressivos, como o Jabuti e o prêmio Nestlé de Poesia. Em 2012, o volume com sua Poesia Completa foi agraciado com o prêmio português de Literatura Casa de América Latina/Banif e *Escritos em Verbal de Ave*, seu último livro, foi o vencedor do prêmio da Academia Brasileira de Letras na categoria poesia.

As notícias sobre a reverência à sua obra chegam ao poeta, quase sempre por meio das muitas correspondências que o carteiro entrega na sua porta. Ele, no entanto, concentra sua energia na vida doméstica e no trabalho em seu cômodo de fazer poesia, pinçando na imaginação pistas sobre o sentir e o não-sentido do mundo. Apesar de ter mobilidade e a mente ativa, praticamente não sai mais de casa nem para ir à sua fazenda no Pantanal. É assim desde 2007, quando o filho mais novo, João, morreu em um desastre de avião. A visão e a audição lentamente vão sendo modificadas, lançando o poeta mais ainda para o seu mundo. É Martha, a filha artista plástica e ilustradora de parte de sua obra, que vai a algumas cerimônias, representando-o.

VAGABUNDAGEM PRODUTIVA. Sobre seu ofício, Manoel escreveu certa vez: "Nasci para administrar o à toa/o em vão/ o inútil." À poesia, "a mais verdadeira maneira séria de não dizer nada" importariam as coisas que não levam a nenhum lugar. O poeta que enaltece a "vagabundagem profissional" e o estar à toa tem para si um sentido especial de ócio. Estar consigo, com sua imaginação, suas leituras e prazeres solitariamente é o ócio de Manoel. Para sorte dos seus apreciadores, sua vagabundagem gerou nos últimos anos poemas em ritmo e vigor. A fase iniciada em 2000 é a mais produtiva editorialmente. Manoel lançou desde então onze livros de um total de 25 ao longo de quase 80 anos de escrita lírica.

O último *Escritos em verbal de ave* (2011) homenageou Bernardo, o "outro" mais presente na poesia de Manoel. Alter ego, cupincha, aliado para saltos e cambalhotas com a língua e com a lógica, Bernardo é também o nome de um peão da fazenda de Manoel no Pantanal. O livro ousa no formato dobradura: todos os pequenos versos estão em uma mesma folha na cor laranja dobrada; e no conteúdo: Bernardo é quem assina os versos. Antes, um poema-apresentação anuncia que são escritos póstumos: "Deixamos Bernardo de

manhã/ em sua sepultura / De tarde o deserto já estava em nós".

Para Manoel, a poesia esteve presente desde muito cedo, no olhar do menino para as pessoas e coisas do seu entorno. Segundo um de seus livros, o primeiro poema teria sido feito aos 13 anos: "aquele morro bem que entorta a bunda da paisagem", disse ao olhar, do Pantanal onde morou, para os longes da Bolívia. Foi a primeira "iluminura" que fez a mãe dizer: "agora você vai ter que assumir as suas irresponsabilidades". Compreendendo o peso das palavras da mãe, ele diz ter assumido, entrando "no mundo das imagens".

Na fase de ginasial foi estudar em colégio interno no Rio de Janeiro sob a custódia de irmãos maristas que o apresentaram à literatura quatrocentista portuguesa. Ao sair do internato, passou a viver em uma pensão a fim de se preparar para o vestibular de Direito. Nesta época, ele reuniu em uma encadernação manual intitulada Nossa Senhora da Minha Escuridão poemas do seu primeiro livro, do qual só ficou uma história curiosa: suspeitando de que Manoel pudesse estar disseminando material comunista, a polícia invadiu seu quarto e apreendeu o original.

O primeiro livro publicado foi *Poemas concebidos sem Pecado*, em 1937, prosa poética iniciada com a história do menino Cabeludinho, que deixou a família para estudar no Rio de Janeiro e voltou ateu. Manoel tinha 21 anos e a certeza do que queria fazer. Muitas décadas correram até chegar um reconhecimento maior, o que possivelmente explica o volume de produção grande nos últimos anos. Manoel já era um senhor de mais de 70 anos quando Millôr Fernandes descobriu seus poemas e escreveu uma crítica fazendo estardalhaço sobre certo poeta "de verdade" que o Brasil precisava conhecer. O texto publicado em jornais cariocas e reproduzido em muitos outros pelo país atraiu curiosidade para sua obra. Foi quando Ênio Silveira, diretor da Editora Civilização Brasileira, descobriu o trabalho do poeta e o convidou para assinar um contrato com a editora, a primeira de Manoel. Seus cinco primeiros livros foram reunidos e publicados com o título *Gramática Expositiva do Chão*, volume introduzido com um texto da professora e crítica literária Berta Waldman.

Manoel, que nasceu em Cuiabá e foi menino para o Pantanal, viveu quase 40 anos no Rio de Janeiro. De lá migrou uma vez mais para o Pantanal, para suceder o pai na administração da fazenda de gado da família.

Dez anos à frente da fazenda e o poeta quis mudar de novo. Foi com a mulher e os três filhos para Campo Grande, sua atual morada. Foi ali que escreveu quase todos os seus livros. A capital do Mato Grosso do Sul propiciou o desabrochar das "iluminuras" do poeta maduro em ritmo e vigor impressionantes.

LAMPEJOS DE CONVERSA COM MANOEL

(Bianca Magela Melo e Renarde Nobre)

Dois anos atrás, o poeta nos recebeu para uma conversa em sua casa, em Campo Grande. O tema central era Bernardo, seu expressivo e recorrente personagem, foco de pesquisa na época. Por sorte, a prosa derivou para a vida, as paixões, os valores, a presença da mulher Stella e o uísque de cada dia.

Paixão literária

Sou fanático pelo Padre Antônio Vieira. Li todos os livros dele e estou relendo agora. Não sei gramática. Aprendi a escrever lendo Vieira. Porque ele escrevia numa harmonia total. Tenho hoje também grande admiração pelo Guimarães Rosa que modificou a língua portuguesa do ponto de vista linguístico. A minha sedução pelo Vieira é a mesma que tenho pelo Guimarães Rosa. Eles são transformadores da língua portuguesa, são criadores. Semanticamente são muito parecidos na construção da linguagem, apesar de que Rosa era muito mais agressivo do ponto de vista da linguagem porque o Vieira era quatrocentista. Quando eu comecei a ler Vieira eu estava no colégio interno de padres maristas. Li toda a literatura quatrocentista portuguesa. Os padres maristas eram intelectuais e me forneciam todos os livros da biblioteca deles, menos Eça de Queiroz porque tratava muito das coisas eróticas e não deixavam a gente ler.

Valores para viver

Eu sou um ser humano cristão. Já fui comunista. Amar ao próximo como a si mesmo é o negócio mais importante pra mim. Uma coisa que acaba com o comunismo é amar ao próximo. O ser humano nunca vai chegar a amar ao próximo como a si mesmo. Ele consegue ser a vida inteira para ganhar dinheiro, para roubar do outro, para tirar do outro. Tive um amigo que foi embaixador em Moscou no tempo do Stalin e me escrevia muita carta. Ele me contava da miséria

que eram aquelas filas para receber o salário, e disse que uma coisa que ele assistia toda hora era o cara que estava na fila lá na frente, sair uns três lugares antes de chegar. Vinha para trás e vendia o lugar dele. Fazia isso umas dez, 20 vezes. Isso é amar ao próximo? Você acha que Stalin poderia fazer alguém puro, um São Francisco de Assis? Eu acho que amar ao próximo como a si mesmo é a chave do ser humano. Porque a ambição que todos nós temos é de melhorar. A gente não aceita obstáculo para ganhar dinheiro, só aceita obstáculo natural. E amar ao próximo como a si mesmo é muito difícil.

Presença de Stella

Sou casado com minha mulher há 64 anos. Nunca briguei com ela. Porque ela que cuidava da minha vida intelectual. Eu tenho escritório, sempre tive. E ela falava: De manhã você vai para seu escritório para fazer suas coisas, para ganhar dinheiro para a gente viver, e eu tomo conta daqui. Ela sempre fez isso. Eu devo a ela tudo que consegui na minha vida através da minha imaginação, meus livros.

Livro roubado

Quando escrevi meu primeiro livro, a polícia roubou. Eu fui preso como membro do regime comunista. Os policiais apareceram na pensão onde eu morava, começaram a vasculhar e descobriram esse livro que ainda era um manuscrito. A dona da pensão, que era uma índia, falou "esse menino aí não é comunista, não". Eles deixaram o assunto, mas levaram o livro. Eu sempre digo que a única ação boa da polícia foi essa porque o livro era ruim. Esse livro que ele levou chamava-se Nossa Senhora da Minha Escuridão. Eu sempre fui bom de título. O livro era ruim. Eu lia muito Petrarca lá no Colégio. Eu era imitador do Petrarca. Eu traduzia mal italiano e me influenciei pelo Petrarca. Fiz sonetos muito ruins.

Rotina diária

Eu levanto, tomo meu chá, essas coisas e vou para o escritório. Desço de lá às 11h, aí vou tomar um aperitivo. Tem um uísque bom aí. Eu recebo sempre pinga de Minas, mas agora eu dispenso. O médico falou: "pinga te faz mal, uísque é melhor". Tomo aperitivo, vou almoçar, vou deitar um pouco. De tarde, ler jornal, coisas que chegam pra mim. Todo dia vem

correspondência, vem livro novo. O Brasil tem mais poeta do que mosca.

Faculdade

Não sei nada, mas entrei para a faculdade. Nunca estudei, mas naquele tempo não era pergunta para marcar certo ou errado. Davam um tema para você escrever e eu escrevia bem. E depois, em Direito muita coisa é intuitiva. Teve uma comissão daqui de Campo Grande de advogados importantes, uns oito ou dez, "Viemos aqui convidar o senhor para ser secretário não sei do que." Falei pra eles: escuta aqui, moço, sou analfabeto em direito, não sei nada. O senhor está enganado. Não tenho banca de advogado, não advogo, não tenho merecimento pra ser coisa nenhuma. Eles ficaram espantados. Acharam que eu era um cara da Jurisprudência. Sou quase analfabeto em Direito.

POÉTICA DO HÚMUS

Flávio Boaventura

Todo grande livro opera já a transmutação e faz a saúde de amanhã. Não se pode deixar de rir quando se embaralham os códigos.

Deleuze, A ilha deserta

Tematizada em sua mais alta potência e sem ceder espaço para verdades dogmáticas, a beleza das insignificâncias pode revelar a expressão máxima de uma adesão total ao viver.

Assim, risonha e mutante, a poética de Manoel de Barros não comporta movimentos retilíneos uniformes nem tampouco cultiva protocolos simétricos consensuais. Ao contrário. Sua escrita escorregadia adora destroçar certezas cristalizadas e destrona leitores que se acham conformados: "Todas as coisas cujos valores podem ser/ disputados no cuspe à distância/ servem para poesia".

Essa escrita enviesada, que ama viver aos trechos, parece consignar uma alegria que não brota isenta de seus próprios perigos. Por isso, a meu ver, ela apresenta uma forte carga de transmutação que mescla metáforas, metonímias e paródias, baralhando os sentidos supostamente consolidados e entortando as significações previsíveis ("o significado é o uso", diria Wittgenstein). Quer dizer, a poesia de Manoel de Barros revela-se aberta e assistemática porque está

sempre propensa a investir em fundo perdido.

Fabuloso e incondicional amante de um devir-alegre e dotado de potências criadoras de intensidades que solapam todos os códigos através dos artifícios da linguagem, o cafarnaum poético de Manoel de Barros tem a vocação de estraçalhar conformismos e aflorar "poemas concebidos sem pecado". Daí resultam, aliás, seus "arranjos para assobio" e "exercícios de ser criança". Quer dizer, são tipos burilados de cativar as *grandezas do ínfimo*.

O poeta parece reconhecer, através desse poder transfigurador do riso como disfarce (máscara, duplo), os poderes de camuflagem da vida enquanto (d)obra de arte: curto-circuito de forças plásticas efêmeras que invariavelmente configuram novas possibilidades de sentido (o poeta festeja a falta e o vazio).

Contrário a toda pretensão de "proprietário da verdade", o devir-criança se refaz permanentemente no poeta que se experimenta húmus. Sabedor de sua sinuosa sina, mas igualmente apto a forjar a complexidade do mundo, Manoel de Barros não cessa um só instante de interagir com o cosmos, nele integrando-se. Assim, vale-se do *perigoso talvez* próprio às estirpes hesitantes: paixão extasiada pela existência das coisas ditas inferiores: "A espuma é que me compõe: / Cada muleta/ Com o seu rengo".

O poeta se sabe um experimentador, um tentador que encena a química das palavras – que se experimentam nas infinitas combinações de seus termos – para produzir a matéria de sua poesia. Talvez seja exatamente por isso que, em seus textos *porosos*, as palavras apresentam-se como termos em metamorfose. Disso ele tem consciência: "Escrever é cheio de casca e de pérola".

Na cosmología do poeta não existe nada superior à própria vida, e a capacidade de afirmá-la integralmente diz respeito à maneira pela qual interpretamos o mundo como expressão e pensamento. Esse tipo de visão condiz com o pensamento de quem assume ter caos dentro de si não como algo a ser superado, mas como condição elementar de uma existência desejante de transfigurações. Afinal, em meio a esse caos (e somente a partir dele) é que poderão desabrochar "corolas de jias". Isso equivale a experimentar em seu próprio corpo a pulsação do mundo no extravazamento de suas forças.

Também não será em vão que Manoel de Barros convidará seus leitores a uma espécie de excursão

poética a um Pantanal muito peculiar, a ela atrelando uma espécie de *acontecimento* e ao mesmo tempo seu *declínio*. Declinar, aqui, significa desabrochar nos homens o *sentido da terra*. Ou seja, o Pantanal aparece no horizonte da poesia de Barros para postular um favorecimento à desumanização da natureza: se o criador quer ser ele mesmo a criatura, o recém-nascido, então deverá querer, também, ser a parturiente e a dor da parturiente: "Os homens deste lugar são uma continuação das águas".

Participar da autocriação do mundo supõe uma larga capacidade de se lançar por inteiro no jogo do recriar-se indefinidamente. Sobretudo, porque, para que funcione a "química do brejo", primeiro será necessário tornar-se *cinza*, reintegrando-se à terra: "Meu trabalho é cheio de nó pelas costas. Tenho de transfazer natureza. À força de nudez o ser inventa".

Noutras palavras: deve-se amar o ocaso humano para que o mundo um dia se reencontre *naturizado*. Mas a que equivale esse reintegrar-se? Será necessário primeiramente reconhecer que o sentido da terra coincide com o *devir*, aquilo que os gregos antigos reuniram sob o nome de *phýsis* enquanto incessante *vir a ser*. Devolver ao homem o sentido da terra será, então, substituir seus movimentos de humanização do mundo por aqueles de *naturização*.

Ao experimentar-se húmus, o poeta revela uma vontade de criar que reconhece na interpretação humana apenas uma situação possível, dentre outras tantas admissíveis: "A blandícia do mormaço engendrava crianças". Será preciso, portanto, recomeçar pela transformação do próprio modo de ver a si e ao mundo, já que as realidades vistas permanecerão sempre enigmáticas em seu tecido (*a natureza ama esconder-se*, diria Heráclito).

Fica destarte a lição: experimentando-se húmus, o desafio maior passa a ser a desbanalização do olhar, e não simplesmente o afastamento do que é supostamente banal. Enfim, sem fim: a poesía da vida é que é a prova dos nove. O reino dos restos.

MANOEL E O DELÍRIO DO VERBO

Renarde Freire Nobre

Manoel é um atormentado das imagens com o dom de verbalizá-las. Poderia ter ficado lelé e prestável para hospícios, mas virou poeta prestável para afetos. Nasceu nos arredores do Pantanal "entre bichos

do chão, pessoas humildes, aves, árvores e rios". Ainda jovem, partiu do primitivo pantaneiro para ápices da cultura. Morou longo tempo no Rio e passou uma temporada em Nova York, visitando cinemas e museus, garimpando civilização. A partida e o distanciamento dos ermos pantaneiros não sinalizam abandono das origens, porque, a bem dizer, as origens é que nunca deixaram a alma de Manoel. Os bichos, do ar e do chão, as vivencias e as companhias de infância virão a ser as imagens preferenciais embaralhadas na mente e fixadas pelas mãos do poeta. A poesia de Manoel é a estilização do primitivo de si. O menino foi o escorço do poeta, daquele que repôs a infância em palavras, que sempre trouxe um "outono" "no chão da voz", que ainda criança viu o "morro entortando a bunda da paisagem" e, dessa feita, compôs seu primeiro verso.

Manoel vagou e se alimentou de conhecimentos sem deixar jamais de ser o que é: um homem do chão do mundo e de muitos mundos na imaginação. Encontro raro de terra e ar, da linhagem de Guimarães Rosa, ao modo de um sapo que, pulando de quando em quando, "muda a perspectiva do chão". Como um bugre das lonjuras, Manoel sempre se sentiu bem no ermo da distância. Em imagens, o poeta amplia a sua natureza, sua solidão, seu abandono. A solidão para o poeta é a "opulência da alma" imaginativa.

"Me procurei a vida inteira e não me achei – pelo que fui salvo". Não se achou porque não caminhou como um adulto cartesiano, mas inflamado de menino, com mania temporã de brincar com as imagens. Destino de quem erra por desvios e desvãos. Com a morte do pai, herdou fazenda robusta de reses. Durante anos, cuidou dos negócios, deixando a poesia de lado. Porém, quando essa recobrou a sua presença, Manoel foi impulsionado a "comprar o ócio". Desde então, dedica-se ao tempo inestimável da criação. Pela trilha das imagens segue a desviar-se, e na palavra encontra a sua única verdade, trazendo na carne da alma a verve da imaginação e o verme da ociosidade.

Manoel multiplica e distribui imagens poéticas, faz da palavra pão, fermentado em terra bruta, levemente amassado por patas de passarinhos. "A poesia está guardada nas palavras – é tudo que eu sei". E, assim, sabe tudo de poesia, sabe que a palavra deve ser restituída ao primitivo dos sentidos e das vivências, os quais não ficaram lá atrás, perdidos no tempo, mas pulsam na vivacidade e atualidade do fantasioso. A infância, "a camada mais fértil da vida", não lhe compõe

como passado nem está confinada na memória consciente. A infância lhe é universo de insignificâncias e inutilidades, mas, sobretudo, de sensibilidades sobre coisas nativas permanentemente revisitadas e reviradas, coisas que só servem para poesia. Em Manoel, a imaginação coloniza a memória, memória que lhe foi desde sempre imaginativa, "botando um rasgão na bunda da razão". Quem governa a alma do poeta é a imaginação, o poder da invenção.

O seu *estilo* é o do "delírio do verbo". A poesia como a própria Voz delirante do Verbo, tormento desaguado em delírio criativo. A natureza que Manoel verdadeiramente ama é a da imagem encarnada em verbo. Como poeta, sabe que a imagem precede e alimenta o verbo, por isso mesmo alça a palavra ao primitivismo para que ela possa reencontrar-se com a essência imagética, restituindo-se à linguagem o que ela originalmente é: potência de imagem. A palavra despida de toda a couraça da seriedade para voltar a brincar em nudez semântica. A palavra posta em posição primeira. E as palavras são, na sua fase larvar, desprovidas de significado. Só vale a língua com força imagética. Poesia, puro delírio imaginativo, letra sem estatuto de lei, verdade ou função. "Poesia é voar fora da asa", voar na língua das imagens. O poeta é feito pássaro que enxerga com as asas da invencionice.

Manoel, o atormentado das imagens, o fora da lei do Verbo, andarilho de estradas tortuosas e paisagens surreais, afeito às frases sem eira nem beira, levando no dorso indômito da poesia a fúria das imagens. Não olha o mundo como uma pessoa razoável. Prefere lentes primitivas, *desfocais*. A palavra poética não quer compreender. Ela quer *transver* o mundo das coisas. "O pulo do sapo é que faz o espaço". À sua poesia aplicam-se os seguintes versos de Mário Quintana em *O Descobridor*: "Os atônitos objetos que não sabem mais o que são // no terror delicioso // da transfiguração". É próprio de o poeta desfazer naturalidades porque "(...) Arte não tem pensa: o olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo. Isso seja: Deus deu a forma. Os artistas deformam. É preciso deformar o mundo: tirar da natureza as naturalidades. Fazer cavalo verde por exemplo. Fazer noiva camponesa voar – como em Chagall. Agora é só puxar o alarme do silêncio que eu saio por ai a deformar". Imaginar é *transver* o que vem de fora e encontra-se aprisionado na retidão compreensiva. É como um passe de mágica, quebrar o barro da realida-

de para moldar inexistências. Fazer poesia é mudar a perspectiva do mundo.

A poesia sem qualquer outra pretensão que não a de dar linha à imaginação. Daí ela se dispor a construir ilogicidades, apresentar condições e relações surreais, feito a da "lesma que carrega na alma um incêndio de girassóis". Para a fabricação delirante, Manoel conta com alguns brinquedos prediletos: "um chevrolé gosmento, um resto de inseto, um abridor de amanhecer, ferro de engomar gelo, alicate cremoso, guindaste de levantar vento" etc., enfim, tudo aquilo que pode ser "disputado com cuspe à distância". Faceiro, o poeta gosta das coisas de se jogar fora, que não servindo para nada, estão livres para encantar. Manoel se vale da imensidão e robustez do nada para tecer o inútil. Quando escreve que o "nada lhe engrandece", ele não pensa em um vazio ou no exíguo. Diz da abertura para uma realidade robusta, sem fronteiras, sondável pela fantasia, um estuário de imagens para além da trava das simbolizações ordinárias e funcionais. Manoel pega os descartes e lhes afere devido valor imaginativo. Pratica a poética da desfaçatez metafórica que tudo deforma, mas que, diferentemente das máquinas, não o faz com propósito de utilidade.

"Maior que o infinito, é o incolor". A partir do incolor é que se constroem formas e tonalidades. E se o poeta prefere as coisas ao alcance dos olhos, não é por miopia ou mera proximidade, mas porque o que se *vê* faz-se motivo de emoção e imaginação. Poesia para ele não guarda nada de metafísico, não tem a ver com o não acessível aos olhos que se esconde no fundo da alma. Tais segredos podem ser valiosos para filósofos, não para poetas. Como um analfabetismo semântico, a poética de Manoel é um terreno desocupado de designações sérias. "Significar reduz novos sonhos para as palavras". As palavras são mais sagradas que os sentidos que porventura possam comunicar. Palavras saídas inteiras, com pele, sons, cores, cheiros, movimentos, tessituras. A poesia de Manoel difere do plano das ideias porque nela as coisas não recebem a veste das significações, mas aparecem como personalidade com pleno direito de existência e manifestação. Porque a palavra poética não é o discurso ponderado do homem sobre o mundo. É, antes, comunhão misteriosa do homem com o mundo.

Manoel faz poesia diferente de Fernando Pessoa, que talha a palavra com intenção de significação. O único sentido cabível da poesia de Manoel é o do

delírio, somente pelo disparate homens e mundo têm assento na poesia. Diferença de estilos: Pessoa é um poeta de *ideias*, para isso se metamorfoseia em personalidades que ampliam o horizonte dos sentimentos e dos sentidos; Manoel é poeta de *imagens*, daí não assimilar experiências, pessoas e coisas senão como personagens de uma trama poética alucinada e sem sentido. Não que não haja intenção, mas a única intenção é restituir à poesia a potência imagética das palavras. Manoel não precisa de heterônimos, porque seu *heterônimo* parece ser a própria palavra. E, mesmo sendo um bugre civilizado e culto, ele não se põe erudito. Acadêmico, então, nem pensar, um tipo de "caranguejo" "achante" de conceitos. O poeta chega a desdenhar de chás solenes e de egrégias condecorações. Nada estranho para quem tem a índole desmiolada e nada séria de encostar "um cago no sublime. E no solene um pênis sujo".

Um narrador solene diz para a pedra: "Sou eu, me deixa entrar", ao que recebe como resposta: "Tenho outra natureza, sou hermeticamente fechada". Ratifica-se a separação entre dois mundos, homens e natureza. Acredita-se, com isso, que indagar é o destino do humano e a altivez maior do espírito. Embora possa perfeitamente ver porta em pedra, Manoel não teria o pudor de nela bater. A poesia dissolve as fronteiras. O poeta prefere penetrar as coisas por inteiro, de modo algum abusada ou apressadamente. Ao modo da criança que não sabe do pudor da razão, só lhe vale a linguagem da alma que brinca, fabula, dotada da delicada inocência necessária para as ignorãças e o inútil.

Somos esclarecidos de que é preciso separar as palavras e as coisas, por se reconhecer que a linguagem não pode o real. É uma maneira de objetivar e desencantar o mundo. Manoel é, porém, pré-civilizado, "agramatical", não por crença na verdade imaculada das palavras, mas por amor à fabulação da língua e á dobra do ser em "dialeto coisal". Ao pôr as pessoas e as coisas para cavalgarem no dorso da palavra, a poesia nega-lhes a separação, restituindo ao homem o dom de *variar* e *encantar* o mundo com a força da imaginação. Manoel realiza uma operação alquímica e libertina: ele põe as palavras para cobrir, penetrar e amar as coisas e os homens, de sorte que não pensa a matéria, mas as projeta em exposição delirante, fazendo do texto tela a ser vista com as dimensões da alma.

Sua poesia é rebento do ato obsceno e despudo-

rado de as palavras copularem com as coisas, a ponto de elas mesmas se materializarem, a ponto de tomarem chuva e os seus sons coaxarem, voarem e pousarem em árvores. Delírio erótico do verbo, êxtase imagético, de modo que as palavras ganham natureza de coisas e as coisas adquiram status de linguagem. Rompe-se, com isso, uma barreira ainda mais invisível e artificial, a que separa a palavra e o ser. Não mais a ascendência da linguagem ponderada sobre a existência - pretensão em que se firma o conhecimento -, mas fusão imagética da alma com a palavra, de modo que "descobrir novos lados de uma palavra era o mesmo que descobrir novos lados do Ser". Porque, antes de tudo, é o poeta, avesso ao "sentido normal das palavras", "incasto" nos termos, quem estabelece um "relacionamento voluptuoso" com as palavras. Assim é o poeta Manoel, um alquimista luxurioso:

> *Nas Metamorfoses, em duzentas e quarenta fábulas,*
> Olvídio mostra seres humanos transformados em
> Pedras, vegetais, bichos, coisas.
> Um Novo estágio seria que os entes já transformados falassem um
> Dialeto coisal, larval, pedral etc. Nasceria uma linguagem
> Madruguenta, adâmica, edênica, inaugural –
> Que os poetas aprenderiam – desde que voltassem às crianças que
> Foram
> Às rãs que foram
> Ás pedras que foram.
> Para voltar à infância, os poetas precisariam também de reaprender a errar a língua.
> Mas esse é um convite à ignorância? A enfiar o idioma nos mosquitos?
> *Seria uma demência peregrina.*

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. *Poesia Completa*. São Paulo: Editora Leya Brasil, 2013.